



AEDOS

Revista do corpo discente
do PPG-História da UFRGS

Memória escolar: perspectivas sobre educação e aprendizado infantil

Bruna Garcia Martins¹

Daniel Porciúncula Prado²

Resumo: O presente artigo utiliza as narrativas de professoras de História do 3º e 4º ano da Escola Admar Corrêa da cidade de Rio Grande/RS para compreender sua perspectiva acerca do processo de formação da identidade infantil e também perceber como é aplicado o trabalho com as fontes que não estão presentes no material didático, trabalhando com a perspectiva do projeto “Memórias”. Salientamos a importância da utilização da memória como fonte para o ensino de História local, pois a localidade não dispõe de um patrimônio edificado para auxiliar nesta prática. Aliar Memória e História é uma das práticas que mais está sendo adotada pelas professoras, resultando na formação de uma roda de conversa entre a comunidade e as crianças. Propiciando a prática da História Oral dentro da sala de aula, desenvolvem-se novas perspectivas acerca do Ensino e do papel da Cultura para a formação da Identidade.

Palavras-Chave: História. Memória. Ensino. Identidade.

Abstract: This article uses the narratives of teachers of History of the 3rd and 4th year of Admar Corrêa School, in the city of Rio Grande/RS, to understand their perspective about children's identity formation process and also how the work is applied to the sources that are not present in the courseware, working with the prospect of "Memories" project. We stress the importance of using memory as a source for teaching local history, because the location does not have tangible heritage sites to assist in this practice. Allying Memory and History is one of the best practices that are being adopted by teachers, resulting in round talks between the community and the kids. Fostering the practice of oral history in the classroom develops new insights on the role of Education and Culture for the formation of identity.

Keywords: History. Memory. Teaching. Identity.

Introdução

Este trabalho é parte de um projeto iniciado no ano de 2014 e busca salientar a utilização da memória como a base para o trabalho com a Educação patrimonial nas Escolas. Neste momento é utilizada a perspectiva das professoras da Escola Municipal de Ensino Fundamental Admar Corrêa localizada no Bairro Santa Tereza em Rio Grande, para caracterizar o processo de formação da identidade das crianças, refletido a partir da inserção do Projeto “Memória” na Escola.

Visando a identificar os agentes formadores da instituição, o programa de pesquisa e ensino realizou em parceria com as professoras uma extensa procura pela origem da História

¹ Pós-graduanda do PPGH-FURG Mestrado Profissional. Universidade Federal do Rio Grande - FURG. Email: brunagmartan@gmail.com

² Professor da FURG. Email: danielhistprado@yahoo.com.br

de sua instituição e o resultado obtido está sendo estudado e organizado para elaborar um livro que conte a História do Patrono Admar Corrêa.

Durante o levantamento bibliográfico, os pesquisadores encontraram algumas referências à professora fundadora do estabelecimento de ensino, que anos mais tarde fundou a escola trabalhada. É devido a essa pesquisa que se tornou possível localizar a professora Maria Cândida e realizar a entrevista que atualmente compõe o livro-tombo da instituição.

Dentre as atividades trabalhadas, uma delas reflete a importância da História local para o processo de formação da identidade cultural do Bairro. Foi a Roda de Conversa realizada entre os moradores e as professoras, onde se buscou fortalecer os laços entre a comunidade e a escola, que desenvolveu novas perspectivas para o trabalho com a Educação infantil.

O projeto foi aplicado em turmas do 3º ano, refletindo-se sobre a concepção de Tempo e as relações entre o passado e o presente. Para realizar essa discussão a professora buscou reproduzir objetos que dialogam com o cotidiano dos alunos, de modo que os orientasse sobre o contexto social em que estão inseridos. Esse processo recorrente nas escolas é caracterizado pela professora Katia Maria Abud (2012) como o responsável pelo sistema de ensino baseado na “decoração de datas e acontecimentos”, o que gera uma ideia da necessidade de estabelecer um sistema cronológico para explicar os fatos históricos. Porém, o trabalho efetivado pelas docentes busca aproximar as crianças de sua história através do contato com os elementos edificados dentro da comunidade, gerando a apropriação dos fatos históricos do qual descendem, assim, a autora, mesmo criticando este modelo de ensino, alega que é importante para a formação da identidade infantil utilizar essa sistematização de tempo porque é a compreensão sobre a experiência familiar contrastada com a experiência pessoal.

Este contexto auxilia para a construção e a aplicação de um ensino inovador e cuja noção de tempo se vincula aos fatos vívidos em seu curto período de vida. A proposta que se desenvolveu para o trabalho com o patrimônio também desfruta de um caráter transformador. Se desvinculando do espaço escolar ele adentra os lugares de memória e incentiva a utilização de novas fontes, a professora Hilda Jaqueline de Fraga reflete sobre esses espaços destinados a rememoração e concluiu que:

“O estabelecimento de práticas docentes nesses espaços educativos não-formais tem procurado potencializar o contato dos professores de História com os aparelhos culturais, tanto no sentido de explorá-los como laboratórios para aprendizagens significativas, em se tratando do ensino de História, quanto para a efetivação de um processo educativo mais amplo, que possibilite a maior democratização de seu acesso pela população” (FRAGA, 2013, p. 99)

Segundo sua concepção, a utilização do meio ambiente que compõe o quadro social em que estão inseridos se configura como um parâmetro essencial para o ensino de História

nas séries iniciais, pois a patrimonialização deste meio se originou do reconhecimento como parte da identidade do povoado. Dessa forma, a iniciativa do trabalho com o conceito de tempo e espaço assume o papel de instigar a curiosidade para efetivar a compreensão sobre a dimensão simbólica de sua História.

Apesar de ser uma tarefa que exige uma compreensão profunda sobre sua própria identidade, as nossas fontes relatam que há um grande envolvimento destinado a conclusão das propostas, visto que os alunos conseguem perceber que o lugar trabalhado compõe a sua cultura, o que se proporciona através de uma memória que foi herdada.

A educação patrimonial aplicada neste contexto, busca incentivar os alunos a perceberem dentro do diálogo entre o tempo e a História as diversas culturas que compõem o quadro social do bairro, possibilitando o trabalho com variadas fontes que são percebidas dentro da vida diária e privada do discente. Na busca por tornar a memória mais presente no âmbito escolar, a diretora examina novos horizontes para proporcionar um panorama sobre os patrimônios presentes na comunidade.

O resultado vem se revelando cada vez mais atrativo aos jovens, pois há uma quebra dentro do sistema de ensino da escola que propõe dispor uma maior autonomia para a expressão pessoal, ou seja, através das atividades de incentivo à manifestação cultural, os alunos começam a interagir mais com a História local e a pesquisar sobre o processo de construção da vila, onde por vezes retratam questões discutidas com a família sobre o passado ambiental do local.

Ainda, durante essa pesquisa, os alunos começam a compreender mais nitidamente como ocorreu o assentamento das famílias oriundas de outras localidades e procuram interagir com essa perspectiva na medida em que reconhecem que são descendentes destas pessoas que se estabeleceram em sua localidade. Neste momento, a problemática do tempo se torna presente na medida em que o passado começa a ser moldado neste processo de percepção “que, reduzido a medidas (horas, dias, semanas), torna-se o tempo social, fundamenta a construção do conceito de tempo histórico pelos alunos.” (ABUD, 2012, p. 13), isso porque para as crianças, cuja principal característica é retratada pela curiosidade, a expectativa em conhecer melhor as diferenças pessoais e também as visões que revelam fragmentos de outros tempos e que são trabalhados através do contato físico se torna mais atrativo do que aquelas atividades ligadas à compreensão de datas e tempo.

Compreendemos que, para continuar com a atenção das crianças voltadas para o trabalho em sala de aula, é necessário transpor os limites físicos e induzir a um quadro mental cuja imaginação pode ser acessada através de relatos sobre a construção das suas moradias. A

partir dessa experiência, a apropriação do meio em que vive se torna mais evidente e alcança uma maior amplitude. Ao encaminhar a conversa realizada na sala de aula para dentro do espaço privado, o aluno busca confrontar o conhecimento adquirido com as memórias que compõe o seu âmbito familiar, gerando assim a aproximação da família na vida escolar.

O projeto “Memórias” e o auxílio para a formação de uma identidade local

O projeto “Memórias” foi criado pela Secretaria de Educação e Cultura (SMEC) de Rio Grande/RS, que, em parceria com os representantes das escolas da cidade, sorteava aquelas que seriam contempladas com a sua proposta. Uma das escolhidas para a atuação deste plano foi a Escola Admar Corrêa, onde o projeto se propôs a resgatar a História de seu patrono Admar Corrêa, utilizando-se de narrativas, imagens e vídeos. O projeto incita o trabalho interdisciplinar e a ampliação dos conceitos dos alunos sobre a sua identidade cultural.

Quando falamos no trabalho com a identidade, embasamo-nos no pensamento em Michael Pollak (1992) que se refere à formação da identidade como sendo caracterizada pelo local de nascimento, onde esta criança já está inserida em uma cultura delimitada pelas fronteiras físicas, e o pertencimento de seu grupo, na região em que vive e adere ao conhecimento do saber-fazer de seu contexto social. Para a escola Admar Correa é importante incentivar o aluno a perceber essa História que o rodeia e torná-lo capaz de se apropriar desses laços e usufruir de um modo que traga o benefício para a memória local, como a proposta e a iniciativa do Projeto “Memórias”.

No ano de 2014 a Escola completa 25 anos de existência e dentro das atividades realizadas ao longo deste ano esteve a preocupação em retomar a memória, foco do projeto, que em parceria com a secretaria de turismo de Rio Grande iniciou propostas que abarcam a Educação Patrimonial e Ambiental partindo da compreensão dos próprios alunos sobre os temas em questão. Esse processo de identificação e legitimação de um patrimônio que correspondesse às características da identidade local é o principal objetivo do projeto que tem sua base firmada dentro de uma educação que rompe com os padrões conservadores e insere a comunidade como um todo dentro do contexto de apropriação.

Para efetivar o trabalho é necessário definir o que compreendemos sobre o emprego e a utilização da palavra patrimônio. Neste artigo usufruímos do termo patrimônio segundo o viés do organizador do livro “Educação Patrimonial: Reflexões e Práticas”, Átila Bezerra Tolentino, que alega que um conjunto de bens que possui valores com significados que

abarcuem um grupo é o que representa o patrimônio e se encontra entrelaçado ao significado de cultura, ou seja, ele consiste em uma herança cultural perpetuada pelos homens. Sendo assim, o que é produto deste grupo social e caracteriza a sua diferença perante os demais povos do mundo é o que chamamos de identidade, então tudo o que é produzido conscientemente e atribuído um valor para a produção é o Patrimônio Cultural da comunidade.

É importante salientar que quando citamos os patrimônios identificados pelo aluno, eles não estão presos apenas nos que estão edificados, mesmo que o trabalho com a memória de um bem cultural realizado junto às crianças seja uma atividade de difícil conclusão, pois a falta de contato com o que é material incentiva uma leitura de tempo muito distante que não corresponde com o tempo experimentado pelo aluno. A escola utiliza as memórias dos moradores como forma de aproximar o passado do presente.

Segunda a diretora Claudia Louzada,

“A gente tem uma boa parceria, porque agora mesmo no aniversário da escola a gente trouxe as pessoas mais antigas do bairro para um momento de conversa com os nossos professores. Eu acho que a gente tem muita parceria e muita troca de experiência com o pessoal da comunidade, principalmente com o pessoal mais antigo, que ainda têm essa história muito viva”. (Entrevistada: Claudia Louzada, 46 anos, 22 de Setembro de 2014)

Percebemos que o primeiro passo para a utilização da oralidade como fonte para o ensino de História materializou-se sob a troca do conhecimento entre a comunidade e a escola, sendo um processo que resulta na utilização e apropriação dos alunos pelo saber da comunidade local, e que, por sua vez, gera a preocupação em salvaguardar as características da localidade. Ainda compreendemos com a fala da diretora, que o principal objetivo deste projeto está sendo atingido na medida em que a comunidade usufrui de um contato mais direto com as gerações mais novas e que propicia a utilização de suas memórias como uma fonte importante de estudo e ensino.

O contato gerado pela atividade extracurricular garante a essas crianças uma visão mais ampla da História e a sua interação com os diversos conhecimentos que compõe a nossa cultura e ainda visa torná-las capazes de perceber e reproduzir dentro do seu cotidiano as manifestações culturais e as suas relações com o desenvolvimento do local, gerando a percepção sobre a evolução urbana do espaço do bairro.

Para realizar essa análise sobre a História do bairro Santa Tereza, o projeto se direcionou para o trabalho com as crianças do 3º ano (4ª série) e iniciou a introdução de um conceito de História sob um âmbito mais pessoal para os jovens. Em outras palavras, foi utilizando de seu meio de convivência, de suas relações pessoais e das narrativas dessas

pessoas que são as mais antigas do bairro, que os professores planejam despertar o interesse pelas questões que envolvem identidade e patrimônio. Para a autora Katia Maria Abud (2012), a proposta de ensino utiliza os objetos que estão mais perto temporalmente do aluno, que predispõe a utilização de um material concreto e que se relacionam com a vida pessoal do discente. Isso acaba por usufruir de uma ligação cultural já estabelecida pela criança com seus pais e com a sua memória herdada, gerando um procedimento que busca incentivar a apropriação total do significado de sua História, principalmente aquele que se refere à História da localidade.

Graças a essa base proporcionada nos 3º anos e aos parâmetros estabelecidos dentro do Projeto Político Pedagógico do 4º ano, se encontra frisada a necessidade do trabalho com a Educação Patrimonial, no entanto o ensino de História dessa série é mais voltado para uma prática e percepção sobre a cidade no seu âmbito Histórico, resultando num incentivo sobre a formação da identidade rio-grandense. Nesta turma, que já obteve a base para o conhecimento sobre a identidade e patrimônio, é mais fácil percebermos como eles compreendem este processo, pois os alunos acabam realizando saídas do espaço escolar e da sua zona de conforto, que seria a vila em que residem, e se deslocam para um local onde sua concepção sobre a formação de sua identidade será aprimorada. O projeto “Memórias” contribuiu para este processo, pois ao contrário do que é estabelecido para a série anterior, cuja preocupação é iniciar a curiosidade sobre sua localidade, o trabalho com a História da cidade é mais denso e complexo, pois um fator que agrava a dificuldade deste trabalho é que nem todos os alunos desta classe visitam ou visitaram alguma vez o Centro Histórico da cidade e tiveram um contato com seus saberes.

Para combater este quadro de baixo interesse pela identidade de Rio Grande, a proposta era induzir os alunos a refletir o significado do “ser Gaúcho” e estabelecer o seu papel dentro da sociedade. O trabalho em sala de aula permite aos alunos compreender melhor a História ao mesmo tempo em que estão em contato no tempo presente com o objeto trabalhado.

Percebemos também que o projeto proposto à escola apóia-se sob uma face ambiental onde busca retratar todas as peculiaridades que registram a evolução e degradação ambiental sofrida pelo local, onde valendo-se do uso de imagens, áudio e saídas de campo as professoras incitam o questionamento sobre a mudança e os impactos ambientais causados aos moradores. O resultado tem sido satisfatório, porque são através desses diálogos que se registram as iniciativas dos jovens que buscam a mudança dentro do quadro socioambiental que a localidade possui. As crianças, no geral, demonstraram que se interessam pela proposta na

medida em que ela interage diretamente com sua vida cotidiana, pois por ser a maioria deles oriunda do próprio bairro Santa Tereza e que está em contato com o Saco da Mangueira convivem diariamente com o acúmulo de lixo e detritos que a água traz.

A importância do meio ambiente para esses alunos certifica que as atividades trabalhadas na escola, que buscam a apropriação da cultural local, tem tido um profundo impacto na formação de suas identidades, pois os tornaram capazes de perceber os problemas enfrentados pelo bairro e sugerir mudanças que confrontem esse entrave que afeta o quadro social.

Uma ramificação do Projeto “Memórias” está em fase de elaboração e consiste na formulação de uma parceria entre a escola e a prefeitura da cidade, de modo que com a saída da sala de aula e o registro dos pontos que possuem o maior acúmulo de lixo (o que será feito pelos alunos através de fotografias), os jovens percebam a riqueza que a comunidade possui e desfrutem desse local como parte de sua identidade contribuindo para a preservação do bairro. Essa iniciativa tem como um dos objetivos atingir também os familiares destas crianças para que voltem seu olhar para um desenvolvimento mais sustentável, onde o papel dos professores é retratar as principais causas dessa degradação e o dos discentes é refletir sobre o processo e propor as mudanças, tornando possível iniciar uma preocupação mais expansiva sobre o acúmulo de lixo e as doenças transmitidas.

Este processo gera o desenvolvimento de uma cultura local e a convivência com os saberes das gerações anteriores da família. Salientamos que há uma discussão incentivada pelos conhecimentos da criança que é embasada ao passo que vivenciam a História do local na sala de aula. Elas buscam compreender os processos de modificações sofridas ao longo dos anos, e ainda, ao retornar ao colégio, propõem a discussão sobre o que puderam observar em suas casas e procuram mostrar sua própria resposta sobre o desenvolvimento e os motivos que levaram o bairro a ser da forma como hoje se encontra.

A diretora da instituição caracteriza esse processo como uma forma de demonstração de sua apropriação cultural, de modo que retratem o seu conhecimento sobre o processo de degeneração cultural do local (Entrevistada: Claudia Louzada, 46 anos, 22 de Setembro de 2014).

De acordo com Leandro Henrique Magalhães (2009), o patrimônio é o elemento fundamental para a formação e percepção de uma identidade e possui seu suporte em uma ampla possibilidade de fontes e objetos. Ele ainda está em constante mudança sendo possível distinguir novas percepções ou novos patrimônios. Percebemos então que a prática da vivência no contexto histórico do local trabalhado é o que garante a legitimidade da

apropriação para estes alunos e a necessidade do trabalho com o patrimônio edificado é o que auxilia no processo de aprendizagem e torna plausível a reprodução dos conhecimentos dos alunos frente ao que considera como parte de sua identidade.

Mesmo tendo a preocupação em preservar a memória, é difícil o trabalho com patrimônios que não estejam edificados, pois as crianças não conseguem compreender com total clareza o motivo que leva o local ser considerado como parte de sua História, pois está temporalmente afastado de si. A estratégia adotada pelas professoras consiste então, em realizar, periodicamente, saídas de campo que visam a diferentes perspectivas sobre a educação, que incentivam a reflexão sobre o que faz parte de sua identidade e selecione aqueles que contribuem para a formação local.

Segundo a professora Sandra Ulguim, essas saídas demonstram também um importante fator sobre a realidade do local que em meio ao processo de melhoria e pavimentação do bairro, contrastam as diferentes classes sociais que coexistem neste espaço e compõem o quadro social do local. Segundo a professora do 4º ano, é interessante organizar essas saídas, pois os alunos percebem que a escola busca fazer parte do seu cotidiano e conhecer a realidade em que vivem e, com estes gestos, também se estreita as relações entre a escola e a comunidade, resultando num processo de valorização de sua História e dos patrimônios que a compõem, permitindo até os mais jovens desenvolverem laços de afetividade e a indagação sobre as condições atuais do local.

Neste contexto percebemos que a expectativa do projeto proposto é validar a escolha do que é representativo para estas crianças, induzindo à valorização e à apropriação destas seleções e diminuindo a distância entre a educação e o cotidiano do aluno. Essa prática de aproximação se fortifica na medida em que os discentes percebem que aquela História que está sendo trabalhada faz parte de sua identidade ou o personagem é parte de sua família.

As professoras ainda salientam que há a necessidade de reforçar esse trabalho com as saídas de campo, de modo que se vivencie essa cultura que está sendo trabalhada. Elas compreendem ainda que esse projeto visa à inserção das diversas manifestações culturais que compõem o quadro da sociedade e favorecem o seu diálogo e identificação, usufruindo de uma importante fonte de estudo: a memória.

Breve Histórico da Escola Municipal de Ensino Fundamental Admar Corrêa

O estabelecimento de ensino Admar Corrêa conviveu com a História do Bairro Santa Tereza, onde está situada. Construída há 25 anos, sua trajetória é bastante intensa quando

falamos sobre as dificuldades enfrentadas para a construção de uma escola capaz de oferecer ensino às crianças do pequeno vilarejo, cujo prédio inicial é vinculado a um caráter patrimonial para a vizinhança.

Formada inicialmente como uma escolinha particular, ela atuava sob o nome de Escola Maria Gorete nas Casas Pretas³ e atendia um número limitado de alunos, pois o local era pequeno e de simples acomodações. Os alunos eram alfabetizados pela professora Maria Cândida num sistema de ensino bastante rigoroso, no entanto, pelo fato do Bairro Santa Tereza abrigar pessoas oriundas de classes baixas, o número de interessados em inscrever as crianças neste estabelecimento de ensino aumentou significativamente de modo que se necessitasse de um maior espaço para prestação dos serviços. (Entrevistada: Claudia Louzada, 46 anos, 22 de Setembro de 2014)

Foi devido a uma parte da casa doada por sua família que se supriram as necessidades iniciais. Porém, o aumento dos alunos precisava de uma inspeção pedagógica e um quadro de funcionários que auxiliasse a professora para que continuasse funcionando nesse espaço. A chegada da inspetora só auxiliou no processo de aumento dos interessados. Era evidente que o serviço ofertado era de uma grande qualidade, não apenas pelo número de alunos que a escola possuía, mas também pelo fato de que havia uma grande dedicação por parte dos professores que eram recebidos positivamente pelos alunos.

No entanto, para que o local pudesse prosseguir com seu sistema de educação era necessário um grande aumento nas dependências dessa escola. O resultado dessa necessidade foi a utilização completa de todas as dependências da casa, o que permitiu que as aulas prosseguissem e se perpetuassem até meados de 1988. Nessa mesma época a professora decidiu se aposentar e não mais lecionar, o que culminaria no encerramento das atividades da escola. É nesse panorama que surge a figura de Admar Corrêa⁴, que interessado em seguir com os trabalhos de Maria Cândida, propôs um acordo à professora. Ele doaria sua casa para que o Município construísse a escola caso ela disponibilizasse o material necessário para que o trabalho de lecionar continuasse fluindo positivamente no local.

Com o novo espaço construído e a doação do material realizado pela professora Cândida, surgiu a Escola Admar Corrêa, em 1989, que contava com o auxílio do Porto do Rio Grande para que suas atividades continuassem em andamento. Foi estabelecido que o

³ Foram as primeiras casas a serem construídas na vila Santa Tereza e que eram destinadas a habitação dos funcionários de altos cargos do Porto.

⁴ Morador do Bairro e capataz do Porto do Rio Grande. As cores da Escola Admar Corrêa se utilizam desse aspecto para homenagear tanto o Porto, que auxiliava fortemente a escola nos anos iniciais, como o Patrono do colégio.

firmamento do projeto “Embale uma Escola” seria aplicado nesta instituição. Basicamente ele consistia no apadrinhamento por parte de uma empresa. Esse projeto auxiliou na melhoria das dependências físicas e na disponibilidade dos materiais necessários para continuar o trabalho e foi com esse auxílio que a escola se manteve em funcionamento.

Podemos perceber que dentro dessa proposta se iniciava uma interação entre o Porto do Rio Grande e a escola. Desde 1989 a escola vem sofrendo contínuas mudanças e aperfeiçoamentos em sua infraestrutura, visando a atender o maior número de alunos possíveis e buscando proporcionar uma boa qualidade de ensino. Graças a essa ajuda foram viabilizadas as condições necessárias para que o Admar Corrêa se tornasse uma escola capaz de ofertar o Ensino Fundamental completo (Entrevistada: Sandra Ulguim, 49 anos, 8 de outubro de 2014).

Logo, graças ao auxílio do Porto, a escola foi transferida para um prédio novo e definitivo cujo número de alunos que ela abriga chega a quase 500, que são oriundos de diferentes bairros que contornam a cidade. Ainda é importante salientar que com essa ampliação da capacidade da infraestrutura foi possível desenvolver um diálogo melhor com a comunidade, pois atualmente a escola se utiliza de passeios e da oralidade como fonte de ensino.

A utilização da História Oral como subsídio para o ensino da História da Escola.

A História Oral e a ampliação das fontes permitem que o trabalho com a História local contribua tanto para a pesquisa histórica quanto para a formação de uma identidade do bairro. A memória utilizada como base para essa propagação de conhecimento permite definir os lugares de memória influenciados pelo coletivo que se resguardou nos menores detalhes, reavendo cotidianamente seus aspectos que se perpetuaram e atualmente estão presentes nas lembranças dos idosos. Através do projeto “Memórias”, essas recordações registram o processo de identificação do aluno com o espaço a que está inserido e tudo o que virá a compor essa identidade.

Utilizamos a memória como principal fonte de pesquisa para este trabalho para compreendermos o processo de formação de uma identidade coletiva. Segundo Pollak, “a história está se transformando em histórias, histórias parciais e plurais, até mesmo sob o aspecto da cronologia” (1992, p.10), e podemos desfrutar de uma ferramenta de estudo extremamente interessante e convidativa, pois seu foco é voltado para uma ciência mais

humana e o trabalho torna-se mais sensível, pois exige do entrevistador um domínio sobre suas emoções e palavras ao lidar com as pessoas.

As memórias estão minuciosamente entrelaçadas com os sentimentos e percepções sobre as mudanças nos espaços que se está inserido e seu principal aspecto é que ela retrata o passado com a voz do presente. No caso do projeto “Memórias”, ela permite que, ao introduzir o idoso dentro do contexto escolar atual, se possa desenvolver uma nova compreensão sobre o processo de formação da localidade baseada na interação entre o novo e o velho, o que garante que ambos os lados contribuam com suas concepções sobre a identidade e permitam a reflexão sobre o significado do seu patrimônio e a importância do meio em que se localizam.

Como já foi elucidado, o presente artigo está embasado nos relatos das professoras da escola de educação básica para compreender o processo de formação e pertencimento da cultura local pelos alunos. Ao mesmo tempo em que busca incentivar a utilização de fontes não convencionais para a prática do ensino de História, utilizamos a memória para preencher as lacunas deixadas pelo tempo. É de nosso interesse utilizar os métodos da oralidade como forma de incentivar o aluno a se perceber um sujeito ativo no processo histórico.

Segundo Katia Maria Abud, “narrar é prática humana” (2012, p. 15), o que significa que como todo objeto confeccionado pela mão de obra humana, está destinado a ser analisado e produzir novos saberes a partir de sua fonte, a memória também compõe este quadro de análise. Neste momento em que ela se dedica a observação do passado e reflexão das concepções que resultaram na elaboração das características mentais e emocionais de um indivíduo, se constrói uma lógica que justifica as experiências vividas. Esse processo de elaboração de uma linearidade capaz de criar uma cronologia resulta na formação de um tempo histórico que está detalhadamente alicerçado sobre a elaboração do conceito de tempo, resultado do que foi experimentado na infância que por sua vez reflete na memória a falta dessa precisão.

Compreendemos que apesar de serem processos complexos eles estão interligados. Contudo, como utilizar esta concepção para a prática da Educação Patrimonial na comunidade?

Sabemos que tempo, memória e História são processos ligados entre si e que dialogam diretamente. Mesmo que o tempo da memória não seja o mesmo vivenciado pela História, a utilização desta fonte de pesquisa é de grande importância quando se procura trabalhar com a História do tempo presente, pois proporciona perspectivas atuais sobre o passado. O caso da escola, que experimentou carência de material sobre sua origem e que

encontrou nos relatos e narrativas as respostas para a construção de sua identidade, proporciona o incentivo à produção de projetos que busquem retratar as peculiaridades da memória sob o seu aspecto histórico surgindo iniciativas de revalorização do patrimônio local.

A História Oral dispõe de importantes métodos para a realização desta salvaguarda isso porque ela ainda possuiu técnicas próprias de registro e leitura que garantem o diálogo e a interdisciplinaridade. Graças a essa especificidade foi possível o trabalho em conjunto para a efetivação da pesquisa escolar que procura retratar a história do Patrono, sendo que também corresponde aquela vivenciada pelo bairro. Pelo fato da comunidade experimentar sua História diariamente, o trabalho com a oralidade pode ser realizado em qualquer lugar, o que permite a “fuga” dos padrões de ensino e a introdução de novas temáticas para o trabalho com os alunos, esse processo se converte como um importante fator aliado da escola porque é diante da capacidade da H, o que permite o desenvolvimento de habilidades sociolinguísticas e a experiência de um compromisso que não havia sido desenvolvido.

De acordo com as fontes, a escola originou-se nas primeiras casas construídas no bairro. Formada inicialmente como um estabelecimento particular, ela atuava sob o nome de Escola Maria Gorete que atendia um número limitado de alunos nas antigas construções denominadas “Casas Pretas”⁵. Sabendo desse contexto, as professoras buscam trabalhar com saídas de campo que retratam a evolução do bairro ao longo de sua existência. Ainda é possível aos alunos vislumbrar os aspectos físicos de um patrimônio cultural, o que resulta na experiência física de aproximação com a sua História. Pollak alega que essa formação de identidade é o resultado do constante contato com o local de seu nascimento delimitado pelos limites da cultura que se está inserido.

Concluimos que a memória é parte fundamental para o processo de construção da cultura e identidade de um grupo social, e é papel da História Oral o de proporcionar os mecanismos necessários para a salvaguarda deste conhecimento. Compreendemos também, a importância dos sujeitos a quem essas lembranças pertencem, pois dispõem de relatos do cotidiano que, por vezes, não estão presentes nos livros. Portanto, proporcionamos um fragmento da História local sob uma nova percepção e também incentivamos a utilização da H.O. dentro do contexto escolar.

Considerações finais

⁵ Foram as primeiras casas a serem construídas na vila Santa Tereza e que eram destinadas a habitação dos funcionários de altos cargos do Porto.

O ingresso na sala de aula permite ao aluno desfrutar de um convívio com diversas outras identidades culturais e pensamentos oriundos das demais classes sociais que em contato compõem a formação psicológica e moral da criança. Caracterizamos esses fatos como os responsáveis pelo pertencimento da criança à sua cultura e identidade social, salientando que este é parte de um resultado atribuído ao contato com colegas de mesma idade. Ao propor o trabalho com a escola, buscamos perceber como a identidade infantil absorvida da família interage com a proposta pela integração com os colegas proporcionada pela escola e também como estas crianças compreendem a história local. A partir do que é ensinado pelo ambiente escolar que, carente de material que embasem seus argumentos e produções, dispõem do conhecimento dos moradores para projetar as aulas que caracterizam o bairro, baseando-se na maioria das vezes nas memórias dos idosos.

Diante dos diversos quadros e grupos sociais que compõem a formação do bairro Santa Tereza e apoiando-se nas diferentes categorias culturais que se relacionam no local, propor uma identidade única para estas crianças torna-se um grande desafio visto que o processo de formação local está embasado e ligado no estabelecimento de diversos grupos sociais alicerçados sob suas culturas próprias e formas de expressão. A escola inserida neste contexto se propõe a perceber essa realidade social e transpor a problemática envolvida com o meio sociocultural ao propor novas estratégias para a permanência e participação do aluno em aula. Assim as professoras indicam formas de troca de conhecimento ao permitir a abertura em seu sistema de ensino para o estabelecimento e discussão das experiências infantis.

Ao analisarmos as entrevistas, percebemos que também é unânime em todos os relatos a diferenciação que atribuem à evolução da Educação enquanto ciência do saber. As professoras relatam que enquanto há uma grande desvalorização da figura do professor, no lado oposto encontra-se uma brecha que auxilia e propõe diferentes procedimentos para o trabalho e propicia o material para esta realização. Tendo em vista essa possibilidade é grande a comunicação entre os professores interessados em usufruir deste sistema para que suas aulas se tornem mais atrativas. O contato com o meio ambiente gera uma cadeia de reações nos alunos que desenvolvem interesses em continuar a contribuir para a preservação de seu meio, pois eles podem praticar o que é teorizado na sala de aula.

Ainda é possível visualizarmos o grande esforço da escola para incluir a família dentro desses planos, onde sua meta é focada em viabilizar o contato direto e total do aluno com a sua História sob uma perspectiva histórica e valorizada, onde ela dialoga, escuta e reage frente às necessidades do local. Essa quebra com o procedimento autoritário garante autenticidade e

maior participação em seu contexto gerando um maior interesse pelo ensino de História, sua prática cotidiana e a sua relação com o presente.

De acordo com as fontes, a escola assumiu esse papel que pode ser relacionado com o conceito de “família” do aluno, pois todo o seu trabalho tem-se voltado para garantir a permanência e a participação nas vivências e atividades propostas e tornou-se necessário que sua preocupação se dirigisse também para o bem-estar dos discentes, resultando no aparecimento de novos valores ligados ao estabelecimento de ensino e que gera um processo denominado “Memória Herdada”, que, segundo a professora Carla, é devido ao fato de que é grande o número de pais que outrora estudaram no estabelecimento e conviveram com as dificuldades da época e que com isso acabam por reivindicar posturas mais participativas dos filhos sobre a metodologia do ensino e os projetos do Admar Corrêa.

Essa sensibilização em buscar no povoado as características necessárias para a formação de uma nova perspectiva educativa que desfrute de uma essência que carrega o sentimento de apropriação de um passado, não tão distante, é o resultado obtido através da implementação de trabalhos voltados para a Educação Patrimonial local onde o contato com essa História presente e a sua relação com o pertencimento a estas lembranças permite reaver e adentrar um espaço de aprendizagem e proporcionar novas perspectivas que serão delegadas aos ouvintes.

Percebemos então que a escola busca desenvolver laços de afeição entre a educação e o educando, de maneira que ressalte as peculiaridades de seu cotidiano e reflita sobre a sua concepção de identidade em um diálogo apropriado para a idade do aluno, assim, mesmo com o PPP incentivando o trabalho com uma Educação Patrimonial que abarque os patrimônios da localidade, a escola trabalha visando à inserção do aluno neste quadro onde ele é o agente principal da escolha e eleição daquilo que compõe a sua identidade. Essa essência, que revela as ligações minuciosamente elaboradas entre a escola, o saber e a comunidade, reflete a preocupação em proporcionar uma educação inovadora capaz de refletir a complexa estrutura social e ambiental sob a perspectiva da criança, do mais novo. Assim essa educação que proporciona as bases para os processos de salvaguarda dos patrimônios, cuja preocupação depara-se com a característica de ser o responsável por retomar as linhas que vinculam a História e a memória, define os parâmetros do que é ser um local de memória e busca incitar a percepção pessoal sobre os vínculos com o objeto.

A título de conclusão, compreendemos que o esforço das professoras direcionado ao incentivo do processo de percepção, avaliação e apropriação de sua cultura é uma espécie de investimento a longo prazo, onde apenas o contato direto alicerçado sob a História do prédio

ou local fornecerá os caminhos certos para o desenvolvimento de uma identidade em crianças de pouca idade. A memória aqui trabalhada busca vincular-se aos processos de compartilhamento das “representações sociais” que coexistem na localidade onde através do contato com o patrimônio edificado possam ser relembradas e vislumbrar uma nova leitura sobre o passado.

Fontes

LOUZADA, Claudia. 22 de setembro de 2014. Entrevista concedida a autora.

SANTOS, Carla Rosana dos. 15 de julho de 2014. Entrevista concedida a autora.

ULGUIM, Sandra Rodrigues. 08 de outubro de 2014. Entrevista concedida a autora.

Referências

ABUD, Katia Maria. **Tempo: a elaboração do conceito nos anos iniciais de escolarização**. In: *Historiae*. Vol. 3 (1). Rio Grande: Editora da FURG, 2012.

FRAGA, Hilda Jaqueline de. **Percursos docentes em lugares de Memória**. In: GASPAROTTO, Alessandra. FRAGA, Hilda Jaqueline de. BERGAMASCHI, Maria Aparecida. **Ensino de história no CONESUL - Patrimônio Cultural, territórios e fronteiras**. Porto Alegre: Evangraf/ UNIPAMPA Jaguarão, 2013.

MAGALHÃES, Leandro Henrique. **Educação Patrimonial: da teoria à prática**. Londrina: Ed.UniFil, 2009.

POLLAK, Michael. **Memória e Identidade Social**. In: *Estudos históricos*. Vol.5, nº10. Rio de Janeiro:1992.